

Arco da Companhia do Gaz, na rua da Boa-Vista — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

A direcção da companhia lisbonense de illuminação a gaz, composta dos srs. João Rebello da Costa Cabral, barão de Villa Nova de Foscôa, Luiz de Castro Guimarães, Francisco Maria da Silva Torres e Rodrigo José de Abreu, para festejar o real consorcio, mandou erigir defronte das officinas da companhia, este magestoso arco para ser todo illuminado a gaz.

A abertura do arco tinha 10 metros de altura, e 8 de largura. O lado oriental é o que mostra a gravura; do lado occidental, sob a mesma coroa, em logar da data do regio consorcio, tinha as letras L. M, iniciaes do nome dos augustos conjuges.

Todos os filetes e ornatos das columnas, soccos, volta do arco, as letras e algarismos, eram formados por vinte mil furos de gaz, que despediam um clarão que allumiava a grande distancia. Parecia uma collina de fogo, artisticamente distribuido.

De todos os arcos que se erigiram em Lisboa, para festejar o real consorcio, foi este o mais recamado e resplandecente de luz.

O risco foi feito pelo engenheiro da companhia, o sr. J. Harens, e n'elle só trabalharam os operarios das officinas do gaz.

Illuminou-se em oito noites: nas cinco dos festejos do real consorcio, nas dos annos de S. M. a Rainha, de S. M. El-Rei D. Luiz e de S. M. El-Rei D. Fernando.

N'estas oito noites consumiu o arco da Boa-Vista 12.160 metros cubicos de gaz.

Este arco, levantado na rua direita do transito da cidade baixa para o paço da Ajuda, foi um faustoso cortejo feito aos reaes conjuges, e dos que attrahiu grandissima concurrencia.

Com esta estampa temos concluido a serie dos principaes monumentos que se erigiram em Lisboa para solemnisar o casamento del-rei.

CHRONICAS DO POVO

I

O ESCRAVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 306)

V

Entretanto Arvins tornára-se notavel em pouco tempo pela exacção com que executava quanto lhe determinavam. O zêlo que os outros mostravam por temor, empregava-o elle por altivez. Sentindo a impossibilidade da resistencia, não pensára mais em similhante coisa desde o primeiro instante, e decidira-se a ir além ainda de quanto lhe podessem exigir. Assim evitava reprehensões ou castigos, que lhe haviam de lembrar mais cruelmente a escravidão, e a sua obediencia parecia uma subjeição espontanea.

Esta boa vontade tinha-lhe grangeado o favor do intendente, e como tivesse morrido o conductor das *rhedas*, foi Arvins escolhido para o substituir.

Corvino abandonára Roma por aborrecimento, cançado de festas, de luxo e de ruido. Imaginára encontrar na solidão uma novidade agradavel.

Tentára mesmo, como ensaio, uma coisa que estava muito em moda entre os elegantes de Roma, mandando preparar na sua esplendida *villa* um quarto forrado de esteiras e com poucos moveis, a que chamavam o *quarto do pobre*. Ahi vivêra alguns dias com um escravo só, sustentando-se de chicharos e rabanetes, que lhe apresentavam em pratos de barro sabino, e que elle comia sentado em escabelos de tres pés.

Mas esta vida frugal cançou-o breve. O socego do campo fez-lhe lamentar o tumulto da cidade; e renunciando aos tão gabados prazeres campestres, deu ordem para recolher a Roma antes da estação propria.

As novas funcções de Arvins obrigavam-no a seguir seu senhor nos passeios de carro que todos os dias ia dar fóra da cidade. A viá Appia, orlada em toda a sua extensão de tumulos, de arvores e de estatuas funerarias, era, n'esse tempo, o ponto de reunião da sociedade mais elegante. Appareciam todas as mulheres celebradas pela formosura, riqueza, ou leviandade; os senadores enriquecidos pelas delações, os captadores de testamentos e os libertos feitos favoritos pelo imperador; finalmente, os descendentes dos cavalleiros cuja fraqueza deshonrava o titulo de *trossulos* concedido aos seus ascendentes depois da tomada de Tropsilla, cidade da Etruria. Um dia, em que Arvins acompanhára seu senhor, conforme o costume, a multidão obrigou a pararem os numidas que precediam o carro. Era Metella, a famigerada matrona, que passava precedida e seguida por uma immensa multidão de escravos. Ia quasi deitada n'uma liteira, com o cotovelo esquerdo encostado n'um coxim de lã das Gallias, com a cabeça ornada com um véo tão leve, que a mais branda aragem parecia levar-lh'o, e com os negros cabellos escorrendo fios de perolas. Para combater o calor, que era de abrazar, levava em cada mão uma bola de cristal, e em roda do pescoço descoberto, uma serpente domesticada, que se enroscava e desenroscava. Dois volantins africanos, com uma cinta de panno do Egypto de alvura deslumbrante, e braceletes de prata, precediam-lhe a liteira. Eram seguidos por um joven escravo que assombrava o rosto de Metella com uma palma ornada de pennas de pavão, e fixa na extremidade de uma canna da India; ao lado caminhavam alguns liburnios com um degrau marchetado de marfim, para quando sua senhora quizesse apear-se da liteira, e por ultimo seguiam atraz mais de cem escravos ricamente vestidos. Depois de ter olhado por instantes para este esplendido cortejo, Arvins desviou os olhos com indifferença. Desde que frequentava a via Appia andava enfastiado dos prodigios do luxo romano. Os escravos que constituiam o sequito da matrona tinham já passado quasi todos, e os numidas de Corvino tinham continuado a caminhar; o moço celta ia seguil-os, quando ouviu um grito doloroso a alguns passos de distancia. Arvins voltou repentinamente a cabeça; uma mulher, que se tinha separado do cortejo, lhe estendia os braços.

— Minha mãe! — exclamou a criança deixando cair as redeas.

As muares, conhecendo que estavam soltas, partiram a galope. Debalde Arvins procurou sustel-as; os seus esforços só conseguiram accelerar-lhes a carreira, até que, tendo perdido as esperanças de retomar as guias, deitou-se fóra do carro, e olhou para o que o cercava.

Estava já longe do logar onde vira Norva. Correu para ver se se encontrava com ella, mas os cavalleiros que procuravam passar uns adiante dos outros, e novos cortejos que se succediam lhe embargaram o passo. A pobre criança, fóra de si, atirou-se por entre cavallos e trens, recebendo pancadas e injurias sem dar por isso. Percorreu a via Appia de extremo a extremo, mas debalde sempre!... Metella recolhêra já com o seu sequito.

Arvins teve primeiro um movimento de desespero impossivel de descrever. Socegou, porém, d'ahi a pouco, lembrando-se de que lhe seria facil encontrar Norva, visto que ouvira pronunciar o nome da sua senhora. Já deliberava sobre os meios por que havia de conhecer a morada de Metella, quando um dos volantes de Corvino veiu ter com elle, e lhe determinou que fosse tomar de novo as redeas do carro.

Arvins obedeceu depois de um momento de hesitação.

O joven patricio, que tinha tido que esperar por elle, não lhe disse uma palavra sequer de reprehensão; mas, apenas recolheu a casa, fez um signal ao seu intendente. Arvins só lhe comprehendeu a significação, quando viu apparecer com a fúrcula o escravo encarregado dos supplicios. Soltou uma exclamação de terror e fez-se pallido. O corréctor sorriu-se.

— Com que então, meu pequeno, sempre cá vieste parar. Custou-te a decidir. Não querias travar conhecimento commigo, heim? Anda lá, que foste muito feliz: o senhor está brincando comtigo! Por Hercules! Se fosses escravo de um liberto ias parar ás lampreias.

Fallando d'este modo, fóra o corréctor fixando a fúrcula no peito e nos hombros de Arvins; prendêra-lhe os braços ás duas extremidades, e por ultimo atou-o a um poste junto da estrada. Olhando então para elle com um sorriso feroz:

—Eis-te n'uma bella posição para tomar ar; não tarda a noite, podes estudar as estrellas á tua vontade.

A estas palavras fez um signal de despedida a Arvins e desappareceu. O celta guardou silencio; conservára o corpo direito, a cabeça erguida com altivez, o olhar desdenhoso; porém no fundo do coração rugia a tempestade de dôr e de colera. N'este momento teria acceitado todos os supplicios com alegria, com tanto que visse Corvino participando d'elles.

A lembrança de sua mãe veiu ainda acrescentar-lhe a raiva. Se não fosse o vergonhoso castigo que lhe estavam inflingindo, já a teria encontrado; áquellas horas a estaria estreitando nos braços. Esperava-o com certeza, e talvez então o estivesse accusando da demora.

Estava todo entregue á desesperação, quando ouviu o seu nome repetido a alguns passos de distancia. Até o sangue se lhe coalhou nas veias. Voltou a cabeça, uma mulher se lançou a elle; era sua mãe.

Arvins esteve por momentos sem ver nada, sem ouvir coisa alguma, e como desmaiado, pela alegria, nos braços de sua mãe! Até áquelle momento não houvera commoção alguma tão forte que lhe tivesse abalado o coração. Norva, pela sua parte, estava louca de contentamento: ria e soluçava simultaneamente, batendo com as mãos como uma criança, e cobrindo seu filho de beijos.

Socegado este primeiro delirio de ternura, Arvins contou qual era o motivo do castigo; e quando soube que fôra ella a causa involuntaria, recomeçou a pobre mãe as suas caricias e choros.

A criança tentou consolal-a. A alegria de a ver apagava-lhe de todo a indignação: já não pensava nem na fúrcula nem nas cadeias que o prendiam. De boa vontade mesmo ficaria assim toda a sua vida, se lhe deixassem ter sua mãe ao lado a acaricial-o, como estava fazendo então.

Norva sentou-se aos pés de seu filho, e contou-lhe, como apenas soube o nome e morada de Corvino, fugíra logo de casa de Metella, não pensando senão em encontrar o palacio onde estava seu filho. Fez-lhe innumeras perguntas a respeito do que fizera e pensára durante aquelle longo anno de separação. Ella soffrêra os mais pungentes tratos da escravidão. Sem piedade, como todas as mulheres que só cuidam na sua belleza, Metella vingava-se nos escravos das mais pequenas contrariedades que tinha no mundo, dos menores aggravos que recebia a sua vaidade.

Os seus enfados de momento, as suas impaciencias ou caprichos, manifestavam-se sempre por algum castigo cruel applicado aos que a serviam. Achava então uma especie de voluptuosidade cruel em os ver padecer. A mais leve negligencia, obrigava-os a pôr de joelhos, e a dilatarem as faces para melhor os esbofetear. Morgan, que fôra comprado ao mesmo tempo que Norva, recebêra açoites tres vezes por não querer sujeitar-se a uma tal humilhação. Ouvindo estes pormenores, foi Arvins obrigado a reconhecer que o protegêra ainda o accaso, fazendo-o escravo do sybarita Corvino.

Nafel, que soubera entretanto do castigo que tinham applicado a Arvins, aproveitára uma visita do senhor á bibliotheca para lhe pedir o perdão do culpado. Corvino fizera signal de lh'o conceder, e o pobre celta fôra desembaraçado das prisões.

Pôde então ir com sua mãe para sitio mais afastado, e ahi recomeçaram ambos a sua conversação com mais liberdade. Durante algumas horas esqueceram-se ambos completamente da sua situação. Fallavam da Armorica na linguagem da sua terra: lembravam-se de todas as circunstancias da sua vida passada, dos nomes dos que tinham conhecido, dos logares onde tinham sido felizes. Arvins encontrava de novo a accentuação, o gesto, a poesia e as crenças a que fôra costumada a sua infancia: não estava em Roma; não era escravo: era filho do grande chefe Meuru, estava sentado á lareira com sua mãe, e aprendia com ella as tradições do seu povo.

Chegou a noite sem que nenhum désse por similhante coisa. Com os olhos erguidos para aquelle azul ceo de Italia, todo recamado de brilhantes estrellas, continuaram a conversar da patria distante, sem cuidarem em que o tempo lhes ia fugindo. Arvins confiou a sua mãe as esperanças que nutríra a respeito de liberdade.

— Tambem Morgan nos falla em liberdade, disse Norva: mas é com ferro e não com oiro que elle conta obtel-a.

— Cuidarão, porventura, n'alguma revolta? — perguntou Arvins vivamente.

— Receio-o, respondeu Norva; Morgan conserva relações com os escravos da nossa nação. A maior parte d'elles tem empregado o seu peculio na compra, ás escondidas, de armas; e de um momento para o outro podem soltar o grito de guerra. Os dacios e os germanos tambem conspiram mysteriosamente, e oiço repetir incessantemente o nome de Spartaco.

Os olhos de Arvins illuminaram-se: Norva percebeu-o, e apertando com uma ternura inquieta a mão de seu filho:

— Lembra-te de que és muito novo, disse-lhe, para te metteres em similhante empreza.

— Tenho quinze annos — disse Arvins com impaciencia.

— Não tens ainda a edade dos guerreiros, bem o sabes; para sustentar o grande nome que possues são precisos braços mais fortes. Morgan já o disse, e eu prohibo-te que tomes parte em similhante revolta.

— Obedecerei, minha mãe — respondeu Arvins com a voz surda e os olhos arrasados de lagrimas.

Norva fel-o encostar a cabeça aos joelhos, com aquella carinhosa affeição de mãe, e beijando-o na testa:

— Não te amofines, meu filho; has de chegar a ser homem, e então já não terei poder em ti. Poderás escolher campo de batalha onde te parecer; mas d'aqui até lá consente que eu use da minha auctoridade para te recatar a vida. Possa ao menos gozar d'essas derradeiras alegrias da mãe que já presente que o filho vae sair da infancia e escapar-lhe. Ai de mim! Em pouco tempo deixarás de ser meu. Pertencerás ás tuas paixões, á tua vontade, a outra mulher talvez... Não me leves a mal estas ultimas horas de realeza, não te rebelles contra a meiga tyrannia da que te deu a vida. Hoje ainda embalo meu filho nos meus braços: ámanhã esta criança estará um homem, e eu não serei já senão em parte sua mãe, porque ámanhã já o não poderei proteger.

Norva tinha pronunciado estas palavras com voz tão triste e tão meiga, que Arvins sentiu-se enternecido de todo. Apertou-a contra o coração, dando-lhe os nomes mais ternos, e promettendo sujeitar-se, sem hesitar, a todos os desejos de sua mãe.

VI

Passára-se a noite n'estas conversações intimas; já nascia o sol, quando Norva se lembrou de regressar a casa da sua senhora. Seu filho pediu-lhe e obteve licença de a acompanhar. Desciam ambos o monte Celio, quando viram um grupo de escravos dirigidos por um liberto; e ao vel-os, Norva deteve-se assustada.

— São os familiares de Metella, disse.

Os escravos acabavam de reconhecer a mãe de Arvins, correram para ella e cercaram-na.

— Finalmente apanhámos-te, disse o liberto.

— Que quereis dizer, perguntou Norva?

— Pois não fugiste de casa da tua senhora?

— Regressava agora mesmo.

O liberto desatou a rir.

— Todos os escravos fugidos dizem a mesma coisa, continuou elle; prendam-lhe as mãos e tragam-na comnosco.

Norva pretendeu dar explicações, mas impozeram-lhe silencio. Arvins não foi melhor succedido quando procurou defender sua mãe. Levaram-na apesar dos seus esforços.

— Mas que vão fazer, perguntou a criança receosa?

— Pois não sabes que castigo espera os escravos fugidos? Com medo de que se percam outra vez, assignalam-n'os na cara com um ferro em braza.

Arvins deu um grito.

— É impossivel, disse elle, fallarei á vossa senhora, deitar-me-hei a seus pés.

— Se a enfadares muito, mandar-te-ha applicar o mesmo castigo.

— A mim? exclamou a criança.

— Póde-o fazer, comtanto que pague a Corvino o damno que te causar. Esqueces-te de que o escravo é um vaso de preço e nada mais. Racham-no, fazem-no em pedaços, indemnisam o senhor, e acabou-se.

— Deixa-me, deixa-me, gritou a pobre mãe espavorida.

Arvins porém não lhe dava ouvidos, chegaram todos a casa de Metella. A matrona ainda não tinha recolhido. Deram parte ao intendénte, que veiu informar-se do que acontecêra. Arvins quiz tentar as supplicas, foi porém repellido cruelmente.

— Pois não haverá meio algum de salvar minha mãe, perguntou a pobre criança desesperada?

— Compra-a, respondeu o intendente com ironia.

— Compral-a! repetiu Arvins, pois um escravo póde comprar outro?

— Não sabes o que é um *vigario?*

Lembrou-se effectivamente Arvins de que alguns dos seus companheiros tinham ás suas ordens alguns escravos, a quem mandavam fazer os trabalhos mais rudes e mais grosseiros; mas ignorava que os tivessem comprado com o seu peculio.

— Quanto é preciso para obter a liberdade de minha mãe, perguntou tremendo?

— Tres mil sestercios.

O rapazinho uniu as mãos com desconforto.

— Tenho só dois mil, murmurou elle.

Uma esperança porém lhe atravessou rapida o pensamento. Muitos companheiros seus tinham um *peculio*, e não recusariam de certo emprestar-lhe entre todos algumas moedas; d'esta sorte poderia pois alcançar o que lhe faltava. Correu para o intendente, que se retirava.

— Voltarei breve com os tres mil sestercios, disse com voz supplicante; promettei-me ao menos suspender o castigo.

— Concedo, mas só até á quarta hora.

Arvins agradeceu-lhe, abraçou sua mãe chorando, e partiu.

Primeiro que tudo correu a buscar o seu peculio, que novamente contou. Não havia duvida alguma. Faltavam-lhe mil sestercios para completar a somma reclamada. Desceu á morada dos escravos para lhes implorar soccorro.

Mas não encontrou nenhum. Andava tudo n'um reboliço em casa de Corvino. Perseguido pelos *fœneratores*, cujos emprestimos usurarios lhe tinham precipitado a ruina, o moço patricio acabava de deixar a habitação que a gente da justiça lhe tinha invadido. Uns escriptos contendo a copia do edital do magistrado, annunciando a venda do que pertencêra a Corvino, estavam já pregados na porta. Os administradores do thesouro de Saturno, que deviam presidir ao leilão, tinham chegado n'aquelle momento, e com elles o argentario encarregado de receber o preço dos objectos. Estavam acabando o inventario dos bens de Corvino.

Foi n'este momento que Arvins se apresentou com o dinheiro na mão. Um dos credores, delegado pelos outros para presidir á venda, descobriu-o.

— Que levas ahi? perguntou-lhe.

— O meu *peculio*, respondeu Arvins.

— A quanto monta?

— A dois mil sestercios.

— Hão de concorrer para a liquidação de Corvino, disse o romano, que estendeu a mão para o vaso em que Arvins depositára as suas economias.

— Este dinheiro pertence-me, exclamou a criança, esforçando-se por defendel-o.

— Pertence a teu senhor, escravo, retrucou-lhe o credor. Tu não possues nada, nem a tua vida sequer. Entrega já os dois mil sestercios, ou então toma conta com os açoites.

— Nunca, nunca, exclamou Arvins apertando o seu thesouro ao peito. Este *peculio* juntei eu á custa de privações e de vigilia; é destinado para o resgate de minha mãe. Minha mãe, que vae padecer o castigo dos escravos fugidos, se não apresentar tres mil sestercios á sua senhora. Não me tireis este dinheiro, cidadãos, deixae-m'o, se não é por justiça, seja por compaixão ao menos. Tambem tendes mãe! Piedade, piedade! de joelhos vol-a supplico.

O mocinho celta deitára-se de joelhos aos pés do credor. Este encolheu os hombros e fez signal aos arautos encarregados de annunciar a venda. Estes aproximaram-se de Arvins e trataram de lhe tirar os dois mil sestercios; a criança luctava soltando ameaças e gritos de furor; mas demasiadamente fraco para resistir a homens, ficou em pouco tempo privado do seu thesouro.

Levantou-se coberto de poeira e louco de raiva! Os seus olhos procuravam uma arma de que podesse lançar mão, os arautos agarraram-n'o rindo-se, e deitando-o fóra do pateo, fecharam a porta.

Arvins entrou a bater enfurecido com os punhos na cabeça, como para se castigar da sua fraqueza. N'este momento mão amiga lhe pousou de leve no hombro. Voltou-se. Era Nafel.

— Que tens, criança, perguntou-lhe.

— Minha mãe! exclamou Arvins, cuja voz abafada pela colera e pelos soluços só podia articular esta palavra.

O armenio procurou socegal-o com algumas palavras meigas, e fel-o contar o que lhe acontecêra.

— Consola-te, disse-lhe o armenio, o meu peculio não foi apprehendido; tem quatro mil sestercios, dou-t'o.

Arvins recuou pasmado, não podendo acreditar em seus ouvidos.

— Vem d'ahi, acrescentou Nafel, depositei-o em casa de um irmão da via Suburana, vamos pedir-lh'o.

O moço celta quiz balbuciar um agradecimento, porém o armenio impoz-lhe silencio.

— O serviço que podêmos prestar a alguem é mais proveitoso para o bemfeitor do que para o beneficiado; este recebe apenas um soccorro terrestre e passageiro; aquelle adquire direitos á felicidade eterna; não me agradeças pois, segue-me.

Foram ambos a casa do depositario. Este porém estava ausente e tiveram que esperar muito tempo. A angustia de Arvins era horrivel. Receava chegar muito tarde. Finalmente, o judeu que guardava o peculio de Nafel, recolheu a casa. Os quatro mil sestercios foram entregues ao celta, que se dirigiu, correndo, para a morada de Metella. Ao passar por diante da basilica de Julia, levantou a cabeça. Marcava a clepsydra a quarta hora; sentiu arrefecer-lhe o coração. Continuou a correr com uma rapidez desesperada, atravessou o Forum, e avistou a casa de Metella.

Quando ia a entrar a porta, ouviu um grito horrivel que lhe trespassou o coração. Reconheceu a voz de sua mãe! A pobre criança extenuada encostou-se á parede, vacillando.

— Chegas muito tarde, disse-lhe Morgan, que o esperava á entrada.

— Minha mãe? onde está minha mãe? bradou Arvins.

O velho celta tomou-lhe a mão sem responder, e levou-o ao pateo.

Estava cheio de escravos, que fallavam a meia voz. No meio estava o corréctor junto de um brazeiro, e Norva desfallecida e ennovellada aos pés d'elle.

Arvins precipitou-se para ella estendendo os braços; mas apenas a viu soltou um grito de horror: uma nuvem lhe velou os olhos, as pernas fraquejaram-lhe, e a final caíu desmaiado ao pé de sua mãe.

(Continua)

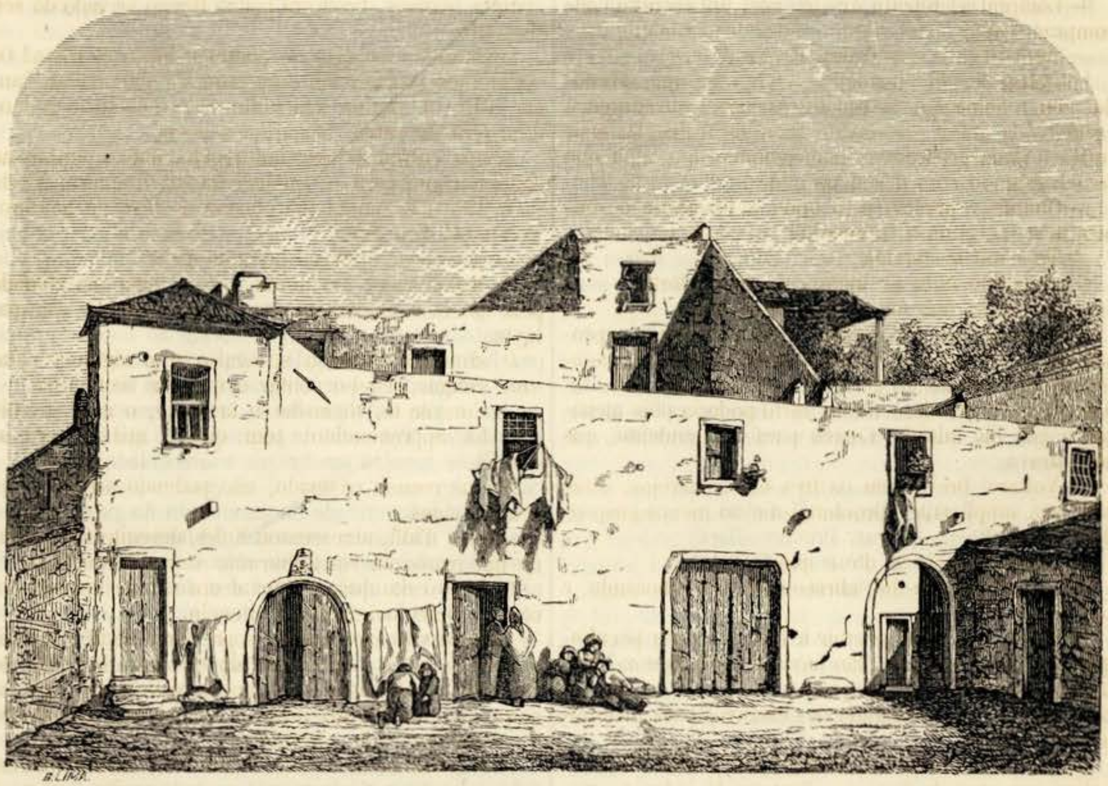
FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ANTIGUIDADES

Não ha talvez cidade alguma, que, sendo tão antiga como Lisboa, mostre como esta tão poucos vestigios da sua antiguidade.

Da *Olisipo* ou *Felicitas Julia* dos romanos quasi todos os padrões foram destruidos, provavelmente, pelos povos do norte, quando se assenhorearam d'este paiz depois da quéda do imperio do occidente. Apenas existem algumas lapidas e cippos, desenterrados em diversas epochas, que dêem testimunho de que n'este solo já florecia uma cidade, que se vangloriava do titulo de municipio romano antes da era christã. Um theatro descoberto junto á rua de S. Chrispim, reinando D. Maria I, e os banhos que ha poùco tempo se descobriram sob algumas ruas e predios da baixa, mas dos quaes já havia conhecimento, attestam tambem que na antiga *Olisipo* se cultivavam as boas artes, e se desfructavam as vantagens da civilisação, que Roma irradiava até onde chegavam as suas aguias.

Da *Exubona*, *Olisipona* e *Ullixbona*, dos differentes povos conquistadores, que se alternaram no do-



Vestigios dos paços da Universidade de Lisboa, ás Escholas Geraes

minio d'esta cidade até á invasão dos arabes, não nos consta que ella possua memoria alguma em pedra, que recorde a sua passageira dominação.

Da *Lissibona* ou *Aschbounah* mourisca pouco lhe resta. E ha toda a razão para crer, que a raça arabe não deixou commemorado o seu governo n'esta terra com edificios esplendidos, como os que levantou no sul da Hespanha.

Da *Lisboa* affonsina foram as convulsões do solo que lhe anniquilaram quasi todos os seus monumentos; e os que se ergueram em tempos posteriores até 1755 foram derrocados tambem, pela maior parte, por terremotos, ou mutilados e deturpados por architectos ignorantes, e reedificadores faltos de sciencia e de gosto.

Na *Historia de Lisboa*, em que actualmente nos occupâmos, e onde se nos abre campo mais largo, que n'este *Roteiro*, circunscripto a limites apertados, trataremos com a individuação que nos for possivel, dos monumentos, memorias, ou simplesmente vestigios, que os romanos, e os outros dominadores, que lhes succederam, deixaram n'esta cidade, quer existam ainda, quer tenham apparecido para se perderem de novo.

Por agora indicaremos sómente aos amadores de antiguidades as que felizmente escaparam aos cataclysmos da natureza e ao vandalismo dos homens, e das quaes se conservam mais ou menos restos nos logares publicos. E além d'essas comprehenderá este capitulo os monumentos levantados nas differentes epochas da monarchia, que pelo seu estado de ruina, ou por falta de acabamento, só podem figurar no logar que lhe reservâmos aqui.

ANTIGUIDADES PHENICIAS OU LUSITANAS

Cumprindo ao roteiro mais relatar o que ha na cidade, do que historiar os successos d'ella, vamos fazer menção de duas antigualhas que uns attribuem aos phenicios e outros aos antigos lusitanos. Não entrando no plano d'esta obra a analyse das questões archeologicas, diremos unicamente que nos inclinâmos mais á opinião dos segundos.

São duas estatuas de pedra, grosseiramente esculpidas, e gastas do tempo, representando dois guerreiros de vulto um pouco maior que o natural. Estão collocadas á entrada da porta do jardim botanico da Ajuda, tendo sido transportadas para ahi do monte Lesenho, junto á villa de Montalegre, onde foram desenterradas por occasião de se fazer uma excavação n'este sitio no anno de 1785.

ANTIGUIDADES ROMANAS

Reduzem-se estas, como acima dissemos, a algumas lapidas e cippos. Possuia outr'ora Lisboa muitas d'estas memorias, que os nossos antepassados tinham o cuidado de conservar, mettendo-as embebidas nas paredes das casas ou dos templos, assim que as descobriam. Quem quizer consultar a *Monarchia Lusitana*, as *Antiguidades de Resende*, as *Grandezas de Lisboa*, as obras de Gaspar Estaço, e de outros antiquarios, ahi achará noticia d'essas inscripções romanas, que estavam patentes á vista em muitos pontos da cidade, e que pelo terremoto de 1755 desappareceram.

Depois, na reedificação da cidade, appareceram algumas das que já eram conhecidas, e tambem outras descobertas pela primeira vez. Porém desgraçadamente quasi todas foram empregadas nas obras de alvenaria dos edificios que se reconstruiam, como succedeu na sé.

Das que se perderam, só mencionaremos uma que se achou nos paços dos duques de Bragança, ao Thesouro Velho, quando em tempo del-rei D. João v se reedificavam, e da qual se acha noticia nas *Memorias da Academia Real de Historia*. Colligia-se d'essa inscripção lapidar, que n'aquelle sitio, occupado pelo paço ducal, tivera assento o pretorio romano.

As que ainda se vêem em logares accessiveis a todos, são as seguintes.

No predio, que tem frente para o largo da Magdalena, e para a travéssa do Almada, estão mettidas na parede que deita para a referida travéssa, estas inscripções:

L. Caecilio. L. F. Celeri.
Rect°. Quaest. Provinc. Baet.
Trib. Pleb. Praetori. Fel. Jul.
Olisipo.

Diz em vulgar que: *a cidade de Olisipo, então chamada Felicidade Julia, consagra este padrão a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celer, rectissimo questor da provincia Betica, tribuno da plebe, e pretor.*

Esta lapida foi achada em 1749.

....

ANTIGUIDADES ARABES

O terremoto do seculo passado destruiu todo o lado do sul do castello de S. Jorge, o qual perdeu na reedificação a sua antiga estructura. A parte do norte teve porém mui pouca ruina. N'esta parte está a cidadella moirisca, com a sua barbacã, e varias torres, n'uma das quaes ha uma cisterna.

Em frente da cidadella estende-se um espaçoso terreiro, cercado pelo norte e léste de grossas muralhas, tambem de origem arabe. No lanço do norte abre-se a *porta do Moniz* junto de uma torre, que a defendia. Sobre a porta está mettido em um nicho o busto em marmore de D. Martim Moniz, e tem a seguinte inscripção:

El-rei D. Affonso Henriques mandou aqui collocar esta estatua e cabeça de pedra em memoria da morte gloriosa, que Dõ Martim Moniz, progenitor da familia dos Vasconcellos, recebeu n'esta porta quando atravessando-se nela, franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos mouros esta cidade no anno de 1147.

João Roiz de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor, seu decimo quarto neto por baronia, fez aqui pôr esta inscripção no anno de 1646.

Dentro da cidadella fica uma das entradas para os caminhos subterraneos, que segundo o uso da epocha, e conforme a tradição, atravessavam o monte do castello em diversas direcções. Tambem alli era o assento do alcaçar do alcaide moiro, que el-rei D. Diniz transformou no seu paço das Alcaçovas.

Ainda no mesmo castello se conservam restos de duas torres moiriscas, uma chamada de *Ullyses*, porque antiga tradição popular attribuia a sua fundação ao heroe grego d'este nome; a outra denominada *Albarrã*, onde nos primeiros tempos da monarchia se guardavam os thesouros da coroa, e da qual tinham as chaves um prelado da sé, o prior do convento de S. Domingos, e o guardião do convento de S. Francisco. N'esta torre creou el-rei D. Fernando o archivo real, conhecido desde então pelo nome de Torre do Tombo. [1]

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

V

(Vid. pag. 309)

No colloquio xviii trata o chronista d'esta embaixada do poder de Hespanha, do juramento de preito e homenagem que os grandes do reino prestaram ao principe herdeiro da monarchia, e da audiencia que os embaixadores fizeram a el-rei e ao mesmo principe. Refere pois como D. Filippe ii assentára a sua corte em Madrid, por ser ponto central de toda a Hespanha, e por conseguinte de facil accesso a todos os hespanhoes. Por onde de pequena villa que d'antes era, Madrid se tornára em breves annos cidade populosa e celebre.

Para a solemnidade do juramento do principe, como el-rei não podia convocar juntamente os nobres e povo de todos os quatorze reinos das Hespanhas, limitou-se só ao chamamento dos de Castella a nova e Castella a velha. Foi para esse acto destinado o dia 11 de novembro, e escolhida a egreja de S. Jeronymo, situada fóra da cidade. Acompanharam a el-rei o principe herdeiro D. Filippe, sua irmã viuva do imperador, e as infantas suas filhas, D. Isabel e D. Catharina. N'uma tribuna fronteira ao throno real estavam, o nuncio do Papa, e os embaixadores do imperador, del-rei de França, da republica de Veneza e de outros principes, e junto do altar o cardeal arcebispo de Toledo, o cardeal Granvella, e mais oito bispos.

Aos embaixadores japonezes destinou el-rei a tribuna da capella-mór que olhava para o real throno, e mandou-os acompanhar por alguns fidalgos de primeira nobreza, um dos quaes foi o famoso D. Christovão de Moura, portuguez, a quem el-rei por boas razões do seu interesse muito estimava. Celebrou de pontifical o cardeal arcebispo de Toledo, e acabada a missa seguiu-se o juramento, que principiou pela imperatriz viuva, como princeza de Castella, e pelas duas infantas suas sobrinhas.

No seguinte dia, em que se contavam 12 de novembro, foram os embaixadores conduzidos á audiencia del-rei nos proprios coches de sua magestade, entre tão grande multidão de povo que enchia as ruas e as praças para os ver, que com muito trabalho lhes abriam caminho os guardas que lhes faziam cortejo. Chegaram á real camara depois de atravessarem doze galerias e salas ricamente ornadas. El-rei os recebeu em pé, segundo costumava fazer com os embaixadores, tendo a seu lado o principe hereditario, e as duas infantas suas filhas. Não consentiu que lhe beijassem a mão, mas elle mesmo os abraçou cordealmente, o

[1] No seguinte numero fallaremos da universidade de Lisboa, e do que resta dos seus paços, que é apenas o que dâmos em gravura a pag. 317.

que tambem praticaram não só o principe, senão tambem as infantas. Apresentaram logo os embaixadores a sua magestade as cartas dos reis de Bungo e Arima, e do principe de Omura, e de boca expozeram a sua nobre missão, a qual cifrava-se em que os seus reaes senhores, educados na piedade christã, tinham julgado não poderem fazer nada que melhor significasse seus christianissimos sentimentos, como mandál-os em seu regio nome render obediencia e homenagem ao summo pontifice, vigario de Christo na terra, e visitar a sua real magestade, cuja fama enchia todo o mundo, e a quem elles consagravam o maior respeito e a mais entranhavel affeição. Tendo el-rei ouvido ler as cartas da embaixada no idioma japonez e no hespanhol, respondeu aos embaixadores com alegre semblante, que elle tinha gravados em seu coração os reis e principes do Japão, com quem os ligavam os laços da mesma religião, e os novos da real fraternidade; e que grandemente se regozijava por lhe haverem mandado tão nobres mancebos por testimunhas d'esta mutua benevolencia, esperando que de futuro augmentaria cada vez mais tão agradavel amizade, e tão conducente aos interesses da religião.

Entreteve-se depois d'isto el-rei com os embaixadores familiarissimamente, praticando muito de feição com elles sobre as coisas do Japão, examinando curiosamente os seus trajos, as espadas que traziam á cinta, as quaes elle mesmo desembainhou para melhor ver, e finalmente os borzeguins que calçavam. Acceitou el-rei de muito boa sombra alguns presentes que os embaixadores no seu proprio nome lhe offereceram, cuja elegancia elogiou com a maior benevolencia. E tal foi em tudo isto a affabilidade del-rei, que os fidalgos e os familiares da casa, que o viram tão alheio e despido de sua habitual gravidade, ficaram pasmados de tanta meiguice e benignidade, affirmando que rarissimas vezes o tinham visto tão prazenteiro, lhano e affavel. Imitaram-no, como era de suppor, os reaes infantes e toda a corte no modo como tratou os japões. Assistiram á audiencia muitas damas nobilissimas, que ardiam em desejos de os ver, entre as quaes menciona o auctor a filha do duque de Aveiro; que em Portugal competia com os Braganças em nobreza e magnificencia.

Convidou-os el-rei para na tarde do mesmo dia assistirem ás vesperas na real capella, ao que muito de bom grado annuiram, admirando a suavidade do canto e a melodia dos orgãos, que mais lhes pareceu obra celeste, que um composto de artificio humano. Depois da solemnidade religiosa foram comprimentados por muitas damas e fidalgos que então satisfizeram a sua curiosidade. Ao anoitecer voltaram para o collegio jesuitico entre grande tropel de gente, dominada do mesmo sentimento, e attrahida da novidade de hospedes vindos de tão longinquas terras. Assim que, forçoso foi entrar na egreja do mesmo collegio, para satisfazer ainda a avidez de muitos fidalgos e de muito povo que os queria ver. Recolhendo-se ao collegio, foram tambem alli cortejados por muitos nobres e pessoas distinctas, entre as quaes se contavam os bispos de Placencia e de Salamanca.

Segue no colloquio XIX a descripção dos edificios grandiosos mandados construir por Filippe II, e especialmente o do Escurial, e a da jornada dos japões para Alicante. Mas antes de tudo refere como ao outro dia foram visitar a imperatriz viuva, em dois coches que ella mesmo lhes enviou, além de outros dois que el-rei destinou para o mesmo fim, não consentindo nunca que se servissem de outros que não fossem os das reaes pessoas, apesar de serem quasi innumeraveis já então em Madrid os coches do uso dos grandes e ricos senhores d'aquella corte. Cortejavam a imperatriz muitas damas e donzellas nobilissimas, entre as quaes estava D. Leonor de Mascarenhas, senhora portugueza, da familia do conde de villa da Horta, vice-rei da India, que os embaixadores tinham visitado em Goa, segundo já atraz temos contado, a qual fôra aia del-rei D. Filippe na infancia, e gozava em subido grão da real estimação de suas magestades, assim por esta razão como por sua rara prudencia e discrição. Foram acolhidos pela imperatriz com a mesma benevolencia com que el-rei os recebêra, não permittindo que elles lhe beijassem a mão, abraçando-os familiarmente, e conversando com elles muito claramente. Finda a audiencia, D. João de Borja, mordomo-mór de sua imperial magestade, e filho de D. Francisco de Borja, duque de Gandia, que hoje venerâmos sobre os altares, os conduziu ao seu palacio, onde os recebeu com grande distincção, e lhes mostrou a magnifica capella ducal, enriquecida de muitas e preciosas reliquias, as quaes alguns annos depois elle mesmo doou á egreja de S. Roque em Lisboa, onde foram recebidas com solemnissima procissão e festejo publico. Eguaes demonstrações de affecto receberam de D. João de Bragança, filho do conde de Tentugal, muito chegado parente do duque de Bragança, assim como do embaixador de Henrique III, rei de França, que instantissimamente lhes pediu que, passando a Roma por França, fossem visitar el-rei seu amo. A este pedido responderam os japões, que agradeciam o convite, e de boa vontade lhe satisfariam, se o tempo o permittisse, sem comtudo se obrigarem a isso. Porém a via de mar que os embaixadores seguiram na ida e na volta, privou os francezes de poderem hoje dizer com ufania (como nós os portuguezes podêmos dizer), que a embaixada japoneza que ha pouco visitou o seu imperador, e a sua nobilissima corte, não era a primeira que do Japão vinha á França, o que muito teria lisonjeado aquella nação. Visitaram mais os japões o cardeal arcebispo de Toledo e o cardeal Granvella, que os trataram tambem com especial benevolencia.

Antes porém de sairem da corte, quiz el-rei que os embaixadores vissem as obras mais raras de Madrid, e das cercanias. Foram pois por ordem sua levados aos reaes sitios de Aranjuez, do Prado, e de Segovia, onde admiraram a regia magnificencia, e a abundancia de caça de toda a especie. O que porém os encheu de pasmo foi o Escurial, uma das mais admiraveis obras de toda a Europa, havendo já a esse tempo vinte e quatro annos que el-rei trazia, diariamente, dois mil operarios occupados em tão grandiosa construcção. Não nos demoraremos na descripção d'este monumental edificio, por ser de sobejo conhecido na Europa, contentando-nos com o que já dissemos a este respeito a pag. 261 d'este semanario, e com acrescentar sómente, que o prior do convento, a quem el-rei recommendára os embaixadores, os recebeu como a taes hospedes e a tal rei era devido.

(Continua) A. J. F.

JAZIGO DE FILINTO ELYSIO

(CEMITERIO DO ALTO DE S. JOÃO)

O monumento que hoje passâmos em gravura a estas paginas, com ser tão modesto, tem a valia de encerrar as cinzas do maior propugnador da lingua portugueza no seculo passado, Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido, nos annaes litterarios, pelo nome poetico de Filinto Elysio, com que elle publicou a maior parte das suas obras.

Ha muitas biographias de Filinto Elysio, mas todas eivadas de erros e omissões, como affirma o nosso collega, o sr. Innocencio, que sobre a vida e escriptos d'este notavel poeta e prosador, tem um longo estudo para dar á estampa. Já lhe devemos, porém, as ave-

riguadas noticias biographicas que precedem a resenha das obras de Francisco Manuel no t. II, pag. 446 a 457 do *Diccionario Bibliographico*, para onde remettemos o leitor, limitando-nos a summariar aqui as diligencias que se fizeram para trasladar os ossos de Filinto do cemiterio do Père Lachaise, em Paris, para o do Alto de S. João, em Lisboa.

Denunciado á inquisição por um clerigo do arcebispado de Braga, que se achava em Lisboa, chamado José Manuel de Leiva, o qual disse lhe ouvíra proferir certas proposições heterodoxas, Filinto Elysio conseguiu evadir-se quando um familiar do santo officio o ia prender na madrugada de 4 de julho de 1778. Obtendo passagem a bordo de um navio que partia para o Havre de Grace, embarcou disfarçado em moço de fretes, levando ás costas uma canastra de laranjas.

Chegando ao Havre, seguiu para Paris, e ahi viveu até 1792, em que passou a Haya, convidado pelo ministro de Portugal em Hollanda, Antonio de Araujo de Azevedo, depois conde da Barca, tambem poeta e liberal protector das letras, que offereceu a Filinto o logar de seu secretario particular. Em Haya esteve cinco annos, regressando a Paris em 1797. N'esta corte e nos suburbios viveu o resto dos seus dias, conservando sempre as mais saudosas recordações da patria, e o desejo de vir acabar a tão amargurada vida em terra portugueza, cuja falla, pura e estreme de gallicismos, elle tanto zelára, merecendo em galardão o primeiro logar que a historia lhe assigna entre os restauradores da nossa lingua.

Na corte de França, a 25 de fevereiro de 1819, falleceu, de 85 annos, o desditoso Filinto Elysio, chorado pelos poucos portuguezes, que nunca deixaram de o acompanhar, e lhe fizeram as exequias na parochia de S. Filippe de Roule, dando-lhe honrosa sepultura no cemiterio do Père Lachaise, onde lhe pozeram uma lapida.

Passados vinte e dois annos, um grande poeta, a quem a lingua portugueza deve não menos que a Filinto, um brioso espirito, a quem mais inquietam as dividas de gratidão nacional para com os benemeritos das letras, o sr. A. F. de Castilho, requereu aos poderes publicos, n'um eloquente memorial, estampado na *Revista Universal* de 1841, que se trasladassem de Paris os ossos de Filinto Elysio, e se lhes désse jazigo, embora modesto, sob o céo abençoado e risonho do seu Portugal.

Estava então no ministerio Rodrigo da Fonseca Magalhães, e foi elle que, á sua custa, mandou trasladar do cemiterio de Paris para Lisboa a ossada de Filinto Elysio, a qual chegou a esta cidade no dia 17 de agosto de 1843, acompanhada pelo conselheiro Filippe Ferreira de Araujo e Castro, que, juntamente com Silvestre Pinheiro, fôra encarregado pelo nosso ministro de pedir ao governo francez a faculdade para se fazer a exhumação, e das mais diligencias até se effectuar o embarque.

Foram os ossos de Filinto depositados n'uma capella do claustro da sé, para alli se conservarem em quanto se não fizesse o jazigo.

A camara municipal de Lisboa, querendo tomar a iniciativa na erecção d'este monumento, assim o fez constar ao governo, que lhe louvou tão patriotico intento em portaria do ministerio do reino, datada de 5 de março de 1845, ordenando juntamente que os ossos depositados na sé de Lisboa, ficassem á disposição da camara, para lhes dar jazigo onde ella determinasse.

A camara resolveu que o mausoléo de Filinto Elysio se erigisse no cemiterio do Alto de S. João. E desejando que os habitantes de Lisboa contribuissem para se honrar a memoria de tão famoso poeta seu conterraneo, abriu uma subscripção publica nos paços do concelho, aggregando a si, como vogaes da commissão promotora d'este monumento, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Silvestre Pinheiro Ferreira e barão da Folgosa.

A morosidade que nos é habitual em todas as tentativas d'este genero, sobrevieram os successos politicos que até 1851 trouxeram o reino em discordias civis, pelo que a subscripção produziu mui pouco.

A camara, cingindo-se á escacez dos seus rendimentos, e ao exiguo producto da subscripção, decidiu mandar fazer um jazigo provisorio; e, logo que esteve concluido, dispoz a solemnidade com que se havia de fazer a trasladação dos ossos.

Foi designado o dia 19 de junho de 1856 para este acto, fazendo-se convite a todas as corporações litterarias.

Na real egreja de S. Antonio da Sé, pertencente á municipalidade, se levantou a eça para o cofre que encerrava os restos de Filinto Elysio. Celebrou-se missa de corpo presente, e mais officios funebres por musica vocal e instrumental. Por ultimo subiu ao pulpito o lente de Coimbra, o sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, expressamente convidado pela camara municipal de Lisboa para prégar n'estas solemnes exequias, o qual recitou o elogio funebre do poeta, oração que foi impressa á custa do municipio.



Jazigo de Filinto Elysio

Acabadas as exequias, dirigiu-se o prestito ao cemiterio do Alto de S. João. Ahi tomaram os vereadores municipaes o caixão, quando se tirou do coche, e o conduziram á capella; d'esta para o jazigo foi levado pelos srs. João de Lemos, Silva Bruschi, Augusto Gonçalves Lima, Andrade Ferreira, Sousa Telles e Silva Tullio.

O jazigo tem apenas este singelo mas eloquente epitaphio:

RESTOS MORTAES

DE FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO

(FILINTO ELYSIO)

Aqui repousarão estas gloriosas cinzas, até que os homens illustres da nossa terra tenham o seu pantheon, tantas vezes projectado.